

Slam: a produção de narrativas de si em plataformas digitais

***Slam:** the production of self-narratives on digital platforms*

***Slam:** la producción de autonarrativas en plataformas digitales*

Eliane Righi de Andrade¹

 <https://orcid.org/0000-0003-4610-4262>

Juliana Trevizan²

 <https://orcid.org/0000-0003-1854-0470>

RESUMO: Este trabalho tem como objetivo discutir a construção do gênero *slam* em plataformas digitais, tomando-o como um gênero que trabalha com a poesia oralizada em comunidades periféricas e que usa as plataformas digitais para sua divulgação. À vista disso, busca-se entender como os espaços em que as competições acontecem, e que são reconfigurados mediante o contexto digital, permitem que mulheres, especificamente aquelas do grupo *Slam das Minas de São Paulo*, exerçam certa autoria, compartilhando suas vivências e denunciando questões identitárias que dizem respeito à mulher, ao negro e aos desprivilegiados socialmente. Para tanto, por meio dos estudos foucaultianos do discurso e do dispositivo metodológico da Análise do Discurso de linha francesa, com os referenciais teóricos dos estudos identitários, decoloniais, raciais e feministas, são trazidos à discussão dois recortes discursivos que empreendemos sobre apresentações de *slam* do grupo citado, postadas em sua página do *Facebook* no ano de 2018, o que configura o trabalho como um estudo de caso. Assim, mediante a realização da análise, conclui-se que a produção de “Literatura Periférica” nas batalhas de *slam*, realizadas por mulheres da periferia e disseminadas em plataformas digitais, indicia determinadas representações identitárias de resistência, que se relacionam às questões raciais, de gênero e classe.

PALAVRAS-CHAVE: Estudos da linguagem; *slam*; mulheres.

ABSTRACT: This work aims to discuss the construction of the slam genre in digital platforms, in the understanding that it is a genre that works with oral poetry in peripheral communities and that uses digital platforms for its dissemination. In this way, we seek to understand how spaces in which contents take place, and which are reconfigured through the digital context, allowing women, specifically those from the group *Slam das Minas de São Paulo*, to exercise certain authorship, sharing their experiences and denouncing identity issues that concern women, black people and the

¹ Doutorado em Linguística Aplicada pela UNICAMP e professora pesquisadora na Pontifícia Universidade Católica (PUC/Campinas). *E-mail:* eliane.righi@puc-campinas.edu.br

² Mestranda em Linguagens, mídia e arte pela Pontifícia Universidade Católica (PUC/Campinas). *E-mail:* juhtrevizan@hotmail.com

socially underprivileged. Therefore, through Foucault's discourse studies and the methodological device of Discourse Analysis of the French perspective, with the theoretical support of identity, decoloniality, racial and feminist studies, two discursive clippings that we undertake on slam presentations of the mentioned group, posted on their Facebook page in 2018, were presented, which configures this work as a case study. The results of the study and analysis clarify how the production of "Peripheral Literature" in slam battles, carried out by women from the periphery and disseminated on digital platforms, can bring some traces of their identity representations of resistance, which are intrinsically related to race, gender and social class.

KEYWORDS: Language studies; slam; women.

RESUMEN: Este trabajo tiene como objetivo discutir la construcción del género *slam* en plataformas digitales, tomándolo como un género que trabaja con la poesía oral en comunidades periféricas y que utiliza plataformas para su difusión. Ante esto, buscamos entender cómo los espacios en los que se desarrollan las competencias, y que se reconfiguran a través del contexto digital, permiten a las mujeres, específicamente a las del grupo *Slam das Minas de São Paulo*, ejercer cierta autoría, compartiendo sus vivencias y denunciando cuestiones de identidad que preocupan a los socialmente desfavorecidos. Para eso, a través de los estudios del discurso de Foucault y el dispositivo metodológico del Análisis del Discurso de la línea francesa, con los referentes teóricos de los estudios identitarios, decoloniales, raciales y feministas, son presentados dos recortes discursivos que emprendemos sobre las presentaciones de *slam* del grupo, publicados en su página de *Facebook*, en 2018, lo que configura el trabajo como caso de estudio. Así, al realizar la investigación, se aclara cómo la producción de "Literatura Periférica" en *slams*, producida por mujeres de la periferia y difundida en plataformas digitales, puede indicar ciertas representaciones identitarias de resistencia que están intrínsecamente relacionadas con la raza, el género y la clase.

PALABRAS CLAVE: Estudios lingüísticos; *slam*; mujeres.

Introdução

O *slam* nasceu de uma tradição de poesia falada, o que o configura como um "gênero" de caráter híbrido e faz com que seja apresentado para plateias populares em disputas, funcionando como um espaço para livre expressão poética e entretenimento (D'ALVA, 2011). No Brasil, as batalhas popularizaram-se em comunidades periféricas, que começaram a produzir poesia como uma forma de questionar e de debater questões relativas à condição social desses grupos.

Dessa forma, considerando esses fatores, as manifestações artísticas do *slam* caracterizam-se por competições em que as questões mais pungentes de determinadas comunidades marginalizadas são apresentadas, de acordo com as experiências ali vividas, em forma de poesia. Assim, os discursos de muitos de seus *participantes* se "[...] acirram politicamente" (D'ALVA, 2001, p. 124), fazendo com que questões que dizem respeito à mulher, ao negro, ao pobre e ao desprivilegiado em geral sejam levadas como mote para as produções performadas e julgadas em público.

Nota-se, portanto, que o aparato artístico vai ser utilizado pelos grupos de *slam* como

uma forma de “empoderamento social”, pois é por meio da produção literária poética que são abertos “[...] novos canais de comunicação” (OLIVEIRA, 2017, p. 25). No entanto, embora esse processo apresente um potencial libertário, sua abordagem estética e a visibilidade dada a essas produções ainda são pequenas e pouco divulgadas, principalmente pelo fato de serem criadas e representadas por grupos sociais mais vulneráveis economicamente e com menos acesso às grandes mídias. Logo, isso faz com que as mídias sociais digitais, com seu potencial de difusão, se tornem recursos de grande relevância para sua popularização.

Ao buscarem, assim, reconhecimento por meio do uso das plataformas digitais, entende-se que há um processo de apropriação dessa “Literatura Periférica” representada, nesse caso, pelo *slam*, às mídias sociais presentes na *internet*, um movimento que tem relação com o conceito de “convergência midiática”, apresentado por Jenkins (2009). Segundo o autor, as mídias e as plataformas tradicionais vêm explorando as possibilidades on-line, em função disso, as pessoas têm mudado suas atitudes e comportamentos diante dos meios digitais, o que conduz a um novo movimento identitário. Portanto, os grupos de *slam*, ao buscarem os espaços virtuais como meios de divulgação e expressão, além de reivindicarem espaços sociais, procuram também explorar os recursos digitais para expor sua subjetividade e suas representações identitárias.

Em consequência disso, o presente trabalho propõe estudar a produção de “Literatura Periférica” dos *slams*, realizada por mulheres e difundida na plataforma on-line *Facebook*. Busca-se, desse modo, entender como essa literatura, considerada “marginal”, representa a vida e a posição dessas mulheres na sociedade em que vivem, obtendo divulgação e legitimação por meio do uso de mídias sociais digitais populares.

Para isso, compôs-se um *corpus* sobre as produções de um dos grupos de *slam*, denominado *Slam das Minas de São Paulo*, o que configura o trabalho como um estudo de caso, de cunho discursivo e de natureza qualitativa e interpretativa. Esse *corpus* foi captado ao longo do período de 2017 a 2018 e gerou um conjunto de recortes discursivos, classificados em três eixos temáticos principais: “atos de violência”, “formas de preconceito” e “relações de poder”. Neste artigo, será trazida a análise discursiva de dois recortes selecionados do terceiro eixo, os quais remetem a certas regularidades do dizer, apontando efeitos de sentido relacionados às questões identitárias e sociais do grupo em suas *performances*.

Aporte teórico

A sociedade em que os sujeitos estão inseridos na contemporaneidade opera a partir de uma lógica colonial, que corresponde à “[...] retórica celebratória da modernidade” (MIGNOLO, 2017, p. 4), um fator baseado nas conquistas científicas, tecnológicas e sociais europeias, a partir do Renascimento. Portanto, é a perspectiva europeia-colonial que vem ditando padrões socioculturais considerados universais e que determina o modo de organização das relações humanas e da constituição do conhecimento.

Segundo Mignolo (2017), a internalização dessa lógica pelas estruturas sociais, desde o nascimento do período da modernidade, tem garantido a permanência de determinadas hierarquias, que sugerem uma formação particular de identidades, a partir do desenvolvimento de conceitos de classe, raça, gênero, estética e de uma epistemologia global. À vista disso, é debatido pelo autor a perspectiva dos estudos decoloniais, que buscam tirar os indivíduos da “[...] miragem da modernidade e da armadilha da colonialidade” (MIGNOLO, 2017, p. 10), de forma que haja uma ordem global “pluriversal” a fim de “[...] que o pensar e o agir dos futuros globais não sejam estruturados sobre uma única opção disponível, mas por meio da interação de diversos modos de existência” (MIGNOLO, 2017, p. 14).

Trazendo ao debate, ainda, outras perspectivas teóricas que pensam a construção da identidade por um viés sociológico, Bauman (2001) caracteriza esse momento atual da modernidade, como “modernidade líquida”. Segundo o autor, a construção de uma identidade é um movimento fluido, que (re)cria padrões pré-determinados por alguns grupos sociais, a partir de sistemas simbólicos, sociais e materiais, além de não ser fixa a um espaço-tempo, originando-se em “momentos de identificação”, como afirma Hall (2006), na perspectiva dos estudos culturais.

No entanto, embora a questão da fluidez identitária presente, aparentemente, um aspecto libertário, os padrões que estão envolvidos na construção dessas identidades, como já citado, ainda têm a ver com criações sociais e culturais representativas de grupos sociais hegemônicos. Segundo Woodward (2014), isso tem um efeito sobre a regulação da vida social, pois sempre há relações de poder em jogo, de modo que grupos sociais menos privilegiados são subordinados a outros mais privilegiados, gerando, assim, estereótipos

Portanto, grupos sociais minoritários não têm as suas identidades coletivas valorizadas e também apresentam menor possibilidade de mobilidade social para viverem formas outras de subjetivação, uma vez que não passaram pela autovalorização e

autoconhecimento de si e de suas histórias, principalmente se considerada a compreensão crítica diante de suas posições políticas e sociais (BERTH, 2019). Logo, as transformações globais nas estruturas políticas e econômicas no mundo contemporâneo, como aquelas conduzidas pelos movimentos decoloniais, colocam em destaque as questões de identidade e as lutas pela afirmação e manutenção das identidades sociais subjugadas (WOODWARD, 2014, p. 25).

As tecnologias digitais, que surgem nesse contexto sócio-histórico e cultural, reforçam esse estado temporário e frágil das identidades e das relações sociais, pois permitem que, por meio delas, sujeitos desenvolvam e se apropriem de representações identitárias outras, de forma menos duradoura e associadas às necessidades de grupos sociais específicos. Esse fenômeno acontece porque o ambiente digital e as operações midiáticas envolvidas, que se conectam ao interior das práticas de funcionamento da organização social, permitem que os sujeitos (re)pensem novos modos de se constituir e de se relacionar com o outro (SGORLA, 2009). Ademais, o ciberespaço pode, ainda, promover espaços de resistência e visibilidade, contribuindo para a conquista de um lugar reconhecido no tecido social, por aqueles que apresentam pouca ou nenhuma representatividade, como as mulheres, os negros e os pobres.

Dessa forma, essas manifestações artísticas, entendidas como forma de expressão literária, têm se constituído como um instrumento de emancipação política e social (OLIVEIRA, 2017), pois, por meio delas, novos discursos e formas de significação são elaboradas - em contraposição aos discursos hegemônicos, estabilizados e normatizados. Com isso, nota-se o [...] "potencial de libertação" (OLIVEIRA, 2013, p. 216) dessas *performances* que, além de exporem a função contemplativa da arte, podem promover transformação social.

Assim, em uma sociedade em que o racismo, o sexismo e o preconceito social, enquanto fortes " [...] sustentáculos da ideologia de dominação" (GONZALEZ, 2020, p.109), fazem dos negros, dos pobres e das mulheres, cidadãos de "segunda classe", expressões culturais e artísticas como o *slam* " [...] garantem o empoderamento das classes minoritárias e estigmatizadas, dão voz aos emudecidos pelo sistema, valorizam arte popular, marginal, periférica e funcionam como resistência político-ideológica" (NEVES, 2017, p. 105).

Como forma de delimitar, ainda, as particularidades dos grupos sociais citados, no caso específico, as mulheres negras do *Slam das Minas de São Paulo*, é relevante trazer ao debate as condições socio-históricas impostas a esses sujeitos na estrutura social.

Segundo Mignolo (2017), se o início da modernidade foi marcado, principalmente, por uma mudança radical no domínio da economia e pela criação de uma epistemologia global, ambas associadas ao princípio do capitalismo e à filosofia moderna do Renascimento europeu, esses dois fatores permitiram que o Ocidente buscasse explorar e obter de modo exacerbado recursos naturais e humanos, “invadindo” outras regiões, conquistando e dominando povos que eram considerados “primitivos”, pois não se encaixavam na lógica e nos padrões europeu-ocidentais. Com isso, em um movimento de “[...] levar a civilização para onde ela não existia” (ALMEIDA, 2019, p. 27), de acordo com a perspectiva ocidental, ocorreu um processo de submissão de populações das Américas, da África, da Ásia e da Oceania, a que se denominou colonização.

Ocultadas pela “retórica da modernidade”, práticas econômicas e produções científicas buscavam justificar a inferioridade de vidas humanas, que eram naturalmente consideradas dispensáveis (MIGNOLO, 2017, p. 4). Portanto, foi nesse contexto que o conceito de raça emergiu como um fator central para a classificação de seres humanos, pois, assim, determinados grupos sociais, privilegiados pela lógica europeia-ocidental, possuíam controle econômico e domínio das formas de produção de conhecimento, a partir de suas necessidades e benefícios particularizados. Dessa forma, o ciclo de destruição provocado pela colonização passa a operar como “[...] fundamento irremovível da sociedade contemporânea” (ALMEIDA, 2019, p. 28).

À vista disso, por seu aspecto histórico, a raça vem a ser um elemento essencialmente político, uma vez que o seu conceito tem sido um fator “[...] utilizado para naturalizar desigualdades e legitimar a segregação e o genocídio de grupos sociologicamente considerados minoritários” (ALMEIDA, 2019, p. 31). A partir dessa ideia e do desejo constante de alguns grupos manterem o domínio da ordem social, conforme as suas necessidades e prioridades, opera-se o racismo:

[...] uma forma sistemática de discriminação que tem a raça como fundamento, e que se manifesta por meio de práticas conscientes ou inconscientes que culminam em desvantagens ou privilégios para indivíduos, a depender do grupo racial ao qual pertençam (ALMEIDA, 2019, p. 32).

Dito isso e no que se refere aos estudos das relações raciais, o conceito de “racismo estrutural” é o que melhor explica o funcionamento dessa estrutura de poder que, há muito tempo, legitima a inferioridade de identidades racializadas, por meio da discriminação e do preconceito, e em nome da sustentação dos privilégios de determinados grupos sociais.

Segundo Almeida (2019), as instituições que reproduzem as condições para o estabelecimento e a manutenção da ordem social são compostas, majoritariamente, por sujeitos favorecidos pela lógica colonial e os padrões ditados pelo mundo europeu-ocidental. Esses espaços sociais apresentam princípios que favorecem certos grupos e, portanto, são “[...] a materialização de uma estrutura social ou de um modo de socialização que tem o racismo como um de seus componentes orgânicos” (ALMEIDA, 2019, p. 47).

Dessa forma, o racismo justifica o limite ao acesso e à participação e, por isso, ratifica a produção de discursos de sujeitos racialmente identificados em espaços de poder pelos brancos, algo que reflete a questão da representatividade, do preconceito e da discriminação, a qual é trabalhada pelas apresentações de *slam* produzidas pelo grupo em questão.

As poetisas buscam, por meio das temáticas desenvolvidas em suas *performances*, demonstrar as suas preocupações étnico-raciais e, por isso, indicam a importância da representação de pessoas negras e outras minorias em espaços de poder. Por intermédio da abordagem de fatores sobre a falsa democracia racial existente no Brasil, muitas das integrantes do grupo procuram chamar a atenção para a necessidade de uma prática antirracista e para o compromisso de se criarem mecanismos institucionais concretos de promoção da equidade.

Ademais, o lugar ocupado por essas mulheres - que são na maioria negras -, no espaço artístico, já parece funcionar como um movimento de reivindicação de direitos e de lugares de poder, uma vez que elas sofrem com as opressões e as limitações narradas.

Finalmente, entende-se que, na estrutura da sociedade contemporânea, moldada a partir de estratégias da lógica colonial, há um impacto grande na vida das mulheres, uma vez que, para a preservação do poder dominante, exercido majoritariamente por homens, brancos e constituintes de classes privilegiadas, age-se a favor das necessidades e das prioridades desse grupo, mantendo-se a opressão sexista e a manutenção do patriarcado (HOOKS, 2015, p. 195).

À luz dos estudos das relações raciais e da perspectiva interseccional, para localizar os sujeitos-mulheres que produzem *slam*, é necessário adotar uma perspectiva pluridimensional da realidade que leve em conta também o gênero. Segundo Hooks (2015), embora seja evidente que mulheres sofram com o sexismo, há pouca indicação de que isso determine um vínculo em comum entre todas elas, pois há “[...] muitas evidências que justificam o fato de que a identidade de raça e classe gera diferenças no status social, no

estilo e na qualidade de vida, que prevalecem sobre a experiência que as mulheres compartilham” (HOOKS, 2015, p. 197). Por isso, é necessário esclarecer que “[...] o sexismo, como sistema de dominação, nunca determinou de forma absoluta o destino de todas as mulheres na sociedade” (HOOKS, 2015, p. 197), principalmente das negras.

As mulheres que são integrantes de grupos marginalizados – como as que produzem *slam* nas periferias – apresentam condição social geral inferior à de qualquer outro grupo social, pois são, na maioria, negras e suportam “[...] o fardo da opressão machista, racista e classista” (HOOKS, 2015, p. 207). Esse cenário pode ser explicado sob a perspectiva dos estudos histórico-sociais de raça e de gênero.

No período da escravidão, prática social proveniente da lógica colonial, Hooks (2020) explica que pessoas brancas criaram uma hierarquia social baseada em raça e em sexo, o que fez com que as mulheres negras fossem posicionadas na base da pirâmide social, atrás dos homens negros, das mulheres brancas e, naturalmente, dos homens brancos. Essa condição, “[...] um método calculado de controle social” (HOOKS, 2020, p. 104), determinou uma sistemática desvalorização da identidade dessas mulheres, o que, até hoje, limita as suas possibilidades de ascensão social.

Devido à necessidade de manter esse sistema de estratificação social, mulheres negras têm tido sempre menos oportunidades de se qualificarem e, por isso, acabam sendo condicionadas a situações precárias de trabalho, de exploração sexual e de violência doméstica, além de serem, junto com os homens negros e outros grupos desprivilegiados, deslocadas para moradias em regiões periféricas das cidades. Gonzalez (2020) denomina esse movimento como uma espécie de segregação, relacionada à “[...] divisão racial do espaço” (GONZALEZ, 2020, p. 94).

Se refletida a situação da mulher negra na sociedade, nota-se uma condição de invisibilidade que vem se formando desde muito tempo, a partir da consolidação de um sistema político-social, o qual enxerga esses corpos como “indignos” e os subordina às necessidades de grupos socialmente dominantes.

Assim, as mulheres negras da periferia, integrantes do grupo *Slam das Minas de São Paulo*, confrontam-se com realidades como as descritas acima, pois estão posicionadas identitariamente dentro das características indicadas.

Alguns aspectos metodológicos

Remetendo-nos às condições de produção do *corpus* destacado, o coletivo *Slam das*

Minas de São Paulo foi formado inicialmente pelas integrantes Carolina Peixoto, Jade Quebra, Mel Duarte, Pam Araújo e Luz Ribeiro, que buscaram criar um espaço de voz e acolhimento às mulheres, principalmente as moradoras da periferia da cidade de São Paulo. A partir disso, surgiram as batalhas públicas promovidas pelo grupo que, presencialmente, levaram mulheres de diversas faixas etárias ao microfone para competirem umas com as outras, apresentando suas poesias originais. Além disso, o grupo ainda compartilha em sua página oficial do *Facebook*, denominada “Slam das Minas SP”, algumas apresentações de batalhas.

Por se tratar de uma investigação que visa analisar e descrever uma situação em particular, a qual diz respeito a um fenômeno contemporâneo que se encontra dentro de um contexto real (STARK; TORRANCE, 2005) – as manifestações artísticas de *slam* do grupo em questão, disseminadas em uma rede social –, a pesquisa se configura como um estudo de caso, com o olhar para o estudo de uma comunidade artística, com suas representações culturais disseminadas no “ciberespaço” social, ao qual temos acesso por acompanharmos sua trajetória pelas redes sociais, particularmente, o *Facebook*. Para o estudo, a análise e a interpretação dos recortes discursivos que foram selecionados da rede social mencionada levaram em consideração a regularidade temática que emergia das poesias performadas, fazendo uso do dispositivo metodológico da Análise de Discurso francesa. Dessa forma, tomaram-se os efeitos de sentido produzidos na relação entre materialidade linguística – aqui considerada nos dizeres transcritos das *performances* – com o contexto histórico social em que os sujeitos enunciadoreis – mulheres negras da periferia – se inserem.

Por meio da coleta de vídeos, veiculados na página do *Facebook* do grupo, e posterior transcrição dos dizeres - dos quais foram selecionados recortes que apresentavam certa regularidade temática relacionada à identidade das poetisas -, formou-se o *corpus* baseado em eixos temáticos³ de análise. Com isso, buscamos observar como o movimento do *slam* pode se constituir na expressão de uma autonarrativa e de modos de subjetivação de grupos desfavorecidos socialmente.

A preferência pela seleção de dados a partir das postagens presentes na página oficial do grupo no *Facebook*, uma mídia social que permite a interação entre amigos, bem como o compartilhamento de mensagens, *links*, vídeos e fotografias, deu-se pelo fato de que as

³Os eixos temáticos construídos a partir da seleção e análise dos recortes remetem a três regularidades, que nomeamos como 1. “atos de violência”; 2. “formas de preconceito”; e 3. “relações de poder”.

integrantes do *Slam das Minas de São Paulo* fazem poucas publicações de suas apresentações em outras redes sociais. A página contava, na época de coleta, com 44.476 mil seguidores, enquanto os perfis no *Instagram* e *Youtube* apresentavam 30,1 mil seguidores e 672 inscritos, respectivamente.

Observa-se, portanto, um aproveitamento do grupo ao fazer um uso mais ativo do *Facebook*, uma vez que essa ação pode acabar possibilitando um maior alcance às batalhas realizadas, como também uma grande interação com o público usuário dessa plataforma. Do mesmo modo, nota-se a importância da plataforma digital em questão para a coleta de dados referentes à pesquisa.

Assim, por meio da observação e coleta de dados on-line, fato que confere às pesquisadoras participação na rede social mencionada, tomou-se, ainda, a etnografia digital como parte do método da pesquisa, pois o estudo parte da observação dessa comunidade e da expressão de sua cultura por meio do “ciberespaço”.

O ambiente virtual e as redes sociais que apresentam uma relevância significativa nos processos de comunicação e subjetivação atualmente se constituem enquanto um espaço social “[...] cuja materialidade é a informação, seus modos de tratamento e de transmissão” (RAMOS; FREITAS, 2017, p. 11). Logo, esses são povoados por sujeitos que buscam produzir sentidos compartilhados em rede, de forma que possam existir enquanto sujeitos sociais que partilham sentimentos de pertença a uma comunidade, por estarem vinculados a esses espaços, os quais apresentam poder de disseminação dessa sensação de pertencimento. Com isso, formações sociais são vistas sendo reconfiguradas pela realidade virtual, que é plural e heterogênea.

À vista disso e considerando a abordagem etnográfica, apresenta-se nessa pesquisa a observação de *performances* videogravadas do grupo de *slam*, difundida na rede social *Facebook*, de onde foram selecionados recortes discursivos para compor o *corpus* de análise.

Em relação ao dispositivo analítico, trouxemos a Análise do Discurso (AD) de linha francesa por julgá-la necessária para o exercício de interpretação de natureza qualitativa sobre os recortes retirados das competições poéticas de *slam* do grupo.

No que diz respeito aos procedimentos utilizados pela AD, na obra *O discurso: estrutura ou acontecimento* (PÊCHEUX, 2008), Pêcheux aponta para a existência de uma relação fundamental entre os dispositivos analíticos e teóricos na análise dos discursos, de forma que indica os procedimentos essenciais para esse trabalho. O filósofo afirma que é a

partir da articulação entre língua e história que se torna possível realizar uma análise descritiva e interpretativa dos recortes, fazendo emergir sentidos da materialidade discursiva, que se apresenta por traços linguísticos significantes. A partir disso, Pêcheux remete à questão do acontecimento discursivo que, segundo Gregolin (2006), indica o surgimento de enunciados historicamente marcados que se interrelacionam e produzem efeitos de sentido.

Devido ao fato desse fenômeno remeter a um momento histórico-cultural e social, ele está relacionado ao conceito de interdiscurso, incorporado aos estudos do discurso para designar aquilo que é exterior à materialidade discursiva e que, portanto, segundo Sargentini (2006), pode ser definido como um espaço discursivo e ideológico, em que as formações discursivas se desenvolvem em função das relações com o outro, compondo a memória discursiva do sujeito que fala. Dessa forma, essa memória se constitui por um já-dito, que permite que qualquer dizer faça sentido em uma nova enunciação.

A concepção de formação discursiva, que foi discutida por Foucault (2008) e reformulada por Pêcheux (1990) para o desenvolvimento de sua teoria sobre a análise do discurso, pode ser descrita como um sistema de regularidades linguísticas, presentes em um dado contexto, que representa formações ideológicas, produto dos lugares sociais assumidos pelos sujeitos. As formações ideológicas marcam, portanto, a interpelação de cada indivíduo em sujeito, historicizando-o a partir da ideologia que o constitui (ORLANDI, 1999). Ela se manifesta por meio da linguagem, em “[...] espaços transferenciais de identificação” (PÊCHEUX, 2008, p. 54), que constituem o sujeito e indicam a ele um lugar de fala no discurso, na relação, portanto, com suas formações discursivas.

À vista disso, ao considerar-se a posição do sujeito enquanto participante desse fenômeno dialógico que é o discurso, nota-se um “assujeitamento” deste ao campo de normas sociais e culturais pré-existentes, ou seja, a uma ordem do discurso. Essas normas, por sua vez, são internalizadas pelo sujeito; porém, muitas vezes, o sujeito “escapa” desse controle, fazendo emergir formações do campo do inconsciente, na e pela materialidade linguística, que trazem à tona aquilo que parecia “esquecido”, que fora “censurado no campo do consciente.

Em relação ao que normatiza o discurso do sujeito, podemos afirmar que ele está subjugado a certos mecanismos de controle e exclusão, apresentados por Foucault em *A ordem do discurso* (FOUCAULT, 1999). O filósofo indica que estar assujeitado aos campos de normas sociais e culturais, assumindo determinadas formações discursivas, significa

pertencer a uma determinada “ordem”, que controla o uso e a disseminação de certos discursos e, portanto, dos efeitos de discurso que eles provocam.

Na análise da produção poética de integrantes do grupo *Slam das Minas de São Paulo*, é dado enfoque às representações identitárias das enunciantoras que emergem pela materialidade linguística, levando-se em conta o contexto de produção e onde os poemas foram divulgados, ou seja, numa plataforma digital que é uma rede social de grande alcance. Portanto, são analisados os processos de subjetivação que se revelam na *performance* artística do *slam*, por meio da observação de regularidades temáticas no discurso, que emergem por meio da materialidade linguística, na sua relação com as condições de produção do discurso, que remetem às formações discursivas desse grupo de mulheres. Essas condições estão delimitadas pelo contexto histórico-social que determina os lugares que os sujeitos ocupam ou podem ocupar no discurso, indicando as relações de poder que se estabelecem na sociedade (hegemônicas ou subalternizadas), assim como aquilo que pode ou não ser dito e por quem.

Assim, foi construído um *corpus* baseado em regularidades temáticas, que se utilizam de elementos expressivos e composicionais linguísticos para expressar essas regularidades. Essas poetisas, ocupando formações discursivas específicas, representam seus “lugares de fala no discurso”, os quais remetem a lugares sociais, étnicos, culturais, econômicos e históricos, destacando-se especialmente seus lugares como mulheres periféricas e, em sua grande maioria, negras.

A produção artística do *Slam das Minas de São Paulo* costuma ser viabilizada por eventos de batalha de *slam*, que acontecem presencialmente em bairros da periferia de São Paulo. No entanto, devido à visibilidade que as mídias digitais proporcionam no mundo contemporâneo, em virtude da sua capacidade de criar uma “[...] ecologia particular de interação”, a qual expande a possibilidade de interlocução dos sujeitos (CORIOLANO, 2021), o grupo ainda optou por compartilhar em sua página oficial do *Facebook*, “Slam das Minas SP”, algumas *performances* que aconteceram nos anos de 2017 e 2018. Assim, delinearam-se alguns elementos das condições de produção do discurso analisado no espaço virtual, considerando o conceito de “ecossistema digital” (LATOUR, 1991 apud CORIOLANO, 2021), como a forma de as redes digitais conectarem e permitirem a interação de diferentes sujeitos, com formações discursivas diversas, trazendo à tona suas formas de pensar e agir.

À vista disso e considerando os fatores histórico-sociais que incentivam manifestações artísticas como o *slam*, pensa-se na constituição do sujeito pela perspectiva

dos estudos decoloniais, que preconiza formas outras de conhecimento, visões de mundo e de ser sujeito. Portanto, ao se observar os discursos produzidos nas apresentações de *slam*, sejam aquelas viabilizadas por plataformas digitais ou não, surge a possibilidade de questionamento das verdades únicas estabilizadas e a manifestação identitária de sua subjetividade para outros grupos sociais, fazendo com que as minorias sociais reivindiquem seu lugar na ordem do discurso, já que, no sistema capitalista de lógica colonial, baseado na branquitude e no patriarcalismo, tais sujeitos não têm sua cultura e seus direitos respeitados e acolhidos, principalmente se for considerado o caráter extremamente desigual da sociedade, que favorece os que já têm seus privilégios garantidos econômica, legal e socialmente.

Uma vez que os discursos oriundos da produção poética dos grupos de *slam* reproduzem as vivências e subjetividades de mulheres, na sua maioria negras, que vivem na região periférica do país, é relevante que seja trazido ao debate o conceito de interseccionalidade, pois suas histórias e narrativas poéticas são atravessadas pelas condições de gênero, de raça e de classe, geralmente invisibilizando-as e silenciando-as na ordem do discurso. Segundo Akotirene (2020), a interseccionalidade:

[...] visa dar instrumentalidade teórico-metodológica à inseparabilidade estrutural do racismo, capitalismo e cisheteropatriarcado – produtores de avenidas identitárias em que mulheres negras são repetidas vezes atingidas pelo cruzamento e sobreposição de gênero, raça e classe, modernos aparatos coloniais (AKOTIRENE, 2020, p. 19).

Assim, é possível afirmar que a efetivação de uma perspectiva interseccional no estudo que se propõe a fazer a respeito das representações identitárias das mulheres que performam o *slam* nas batalhas do grupo *Slam das Minas de São Paulo*, permite-nos enxergar a colisão das estruturas que solidificam os discursos produzidos sobre essas mulheres. Esse paradigma elucidava o fato de que mulheres são “[...] interceptadas pelos trânsitos das diferenciações” (LUGONES, 2018 apud AKOTIRENE, 2020) e que, por isso, têm excluídas suas subjetividades e identidades desde a colonização.

Dessa forma, observamos como o sistema de opressão é interligado, mas que não é padrão e global para todas as mulheres, uma vez que a cor da pele e a situação social, cultural e financeira nas quais o sujeito nasce e, muitas vezes, vive por toda sua existência, influenciam a forma pela qual esse sujeito se vê e é visto pela sociedade.

Trabalhando com a análise dos recortes discursivos

Para esse artigo, foram selecionados apenas os resultados de análise de dois recortes do eixo “relações de poder”, os quais foram transcritos discursivamente de vídeos disponibilizados na página do *Facebook* do grupo, no ano de 2018, e que se referem às apresentações das poetisas Mariana Felix e Tawane Theodoro.

Para tal, iniciamos com algumas noções que permeiam a ideia de poder em uma visão discursiva. O poder se expressa na sociedade por meio de diversos tipos de relações humanas, uma vez que há uma relação de dependência de indivíduos ou grupos, uns para com os outros. Assim, as relações de poder (FOUCAULT, 2008), em uma sociedade hierarquizada, são assimétricas, visto que o querer de um grupo menos privilegiado está sempre submetido ao do grupo mais privilegiado, a partir de regras ditadas pela sociedade, que prioriza os direitos dos grupos hegemônicos, por exercerem controle sobre outros.

Consideramos o conceito de poder trabalhado pelo filósofo francês Michael Foucault (1999), que o pensou não como algo que está localizado ou centrado em uma instituição, necessariamente, mas um fator que atravessa toda a estrutura social – o que ele verifica como uma espécie de “microfísica do poder” (BERTH, 2019). Dessa forma, o poder seria uma prática social construída historicamente pelos sujeitos e as relações de poder estabelecidas, as quais ultrapassam o nível estatal e estão presentes em toda a sociedade.

Quando um indivíduo ou grupo de pessoas detém o poder, é porque houve uma condução bastante articulada desses sujeitos na sociedade, “[...] por diversos estágios de autoafirmação, autovalorização, autoreconhecimento [sic] e autoconhecimento, de si mesmo e de suas variadas habilidades humanas, de sua história, e principalmente de um entendimento quanto a sua posição social e política” (BERTH, 2019, p. 21).

Portanto, considerando que a identidade é uma criação social e cultural e, por isso, tem um efeito sobre a regulação da vida social, por meio das formas pelas quais ela é representada (WOODWARD, 2014, p. 16), relaciona-se sua valorização às relações de poder que se dão pelas estruturas dominantes. Essas identidades reproduzem de maneira hierarquizante as preferências dos grupos majoritários, subjugando a identidade, a cultura, o conhecimento, a voz de grupos menos privilegiados, situados na base, como mulheres, negros e pobres.

À vista disso, um processo de movimentação interna desses grupos minoritários, reconhecendo a diferença nas formas de existência, busca formas de enfrentamento das práticas desse sistema de dominação, que é patriarcal, racista e elitista, e que tenta

dominar, silenciar e controlar vozes e corpos, pela força predominante de seus privilégios.

As *performances* de *slam* podem ser encaradas como um instrumento de resistência e de emancipação política e social das amarras do sistema de poder em vigor, por meio do questionamento dessas relações de dominação.

Na sequência, são trazidos dois recortes com os quais foram traçadas algumas considerações analíticas relevantes para a compreensão de aspectos identitários dessas mulheres:

Recorte 1: Meu nariz é largo, eu sou afro e meu batuque diz: ostentação são as rimas, por trás de cada sofrimento que eu já vivi, buscando no espelho o reflexo do que nunca foi meu. Mas eu aprendi. Olhar pra frente, cabeça erguida, representatividade, sim! (SLAM DE MINAS SP, 2018a).

Na poesia de Mariana Felix, é possível observar um questionamento das identidades estabelecidas por meio das relações de poder, em que grupos politicamente dominantes desqualificam determinadas características – inclusive, fenotípicas – de um outro grupo, impondo qualidades e valores a ele. Dessa forma, em sua apresentação, a artista problematiza essas imposições, fortalecendo o reconhecimento de sua cultura ancestral, afirmando a importância da autodefinição de sua identidade e o valor da representatividade.

O trecho “Meu nariz é largo, eu sou afro” que é declamado em tom firme e impositivo⁴ parece ser um indicativo de orgulho e valorização dos traços físicos da poeta, herdados de ancestrais africanos, que são vistos pela sociedade de forma inferiorizada, uma vez que o racismo e a supremacia branca estabelecem padrões de beleza, em que o fenótipo negro é tratado quase como um defeito estético, herança da memória discursiva que remonta às formações discursivas hegemônicas, as quais impõem o que é a “normalidade”.

Centenas de anos de escravidão, teoria eugenista e investidas contemporâneas na ideia de distinção racial fazem com que hoje pessoas negras ainda sejam colocadas em situações de preconceito racial, por conta de sua aparência, já que o fenótipo europeu branco é valorizado e projetado como um padrão estético de beleza, que representaria uma identidade desejada, reconhecida como superior.

Na sequência, a poeta vai apontar: “meu batuque diz: ostentação são as rimas, por trás de cada sofrimento que eu já vivi, buscando no espelho o reflexo do que nunca foi

⁴Ainda que não tenhamos feito uma análise da *performance* das artistas em si, mas de recortes discursivos retirados de batalhas veiculadas em vídeo pelo *Facebook*, foi possível notar padrões de intonação em suas declamações, os quais afetam os efeitos de sentido de seus dizeres.

meu”, o que parece indicar que, por meio do “batuque”⁵ e “rimas”, ela traz à tona, em seu dizer e *performance*, manifestações artísticas que remetem à memória discursiva do povo negro, expondo e denunciando, por meio de sua poesia, os abusos vividos por seu grupo identitário e valorizando as diferentes formas culturais de se expressar, seja na música, na poesia, seja na dança.

Assim, ela pode ser quem é, exercitando sua identidade de forma autêntica e não forjada por outros, a imagem do branco, que se coloca como modelo. Além disso, em “por trás de cada sofrimento que eu já vivi, buscando no espelho o reflexo do que nunca foi meu”, podemos notar como a construção da imagem do Outro⁶ sobre si ocorre de forma impositiva, pelas estruturas de poder, o que ofende, além de sua aparência, sua identidade e dignidade, uma vez que o sujeito que não apresenta características simbólicas e físicas daqueles que são majoritariamente representados na sociedade como modelos hegemônicos, jamais vai se reconhecer e se autoavaliar de forma positiva. Mariana Felix, por sua vez, após se reconectar com suas origens, parece reconhecer essas estruturas e o fato de quê o que ela buscava no espelho, nessa imagem projetada e imaginária, nunca seria verdadeiramente parte dela, pois não a constitui como o sujeito que é: negra, pobre e mulher.

Dessa forma, a artista conclui “Mas eu aprendi. Olhar pra frente, cabeça erguida, representatividade, sim”, remetendo à importância de ser representada realmente pelo que é e pelo que a identifica como sujeito, uma vez que a identidade está ligada a sistemas de representação. Questionar as representações identitárias vigentes e impostas, nesse contexto, portanto, significa questionar os sistemas de representação que não dizem respeito a quem ela é, fortalecendo, por outro lado, a identidade de grupos minoritários, cuja existência é ignorada pela sociedade hegemônica, que gera, além da inequidade, uma autoestima inferiorizada, por não serem aceitos em sua diferença constitutiva.

Emergem também nos dizeres da poeta Tawane Theodoro, em sua *performance* poética, marcada por suas formações discursivas, questões relativas às relações de poder

⁵Dança de conjunto, originária, segundo alguns pesquisadores, de Angola e do Congo (África). Com variantes, pode ser realizada em roda, da qual participam não apenas dançarinos, mas também os músicos e os espectadores, tendo no centro um dançarino solista ou um ou mais pares que se incubem da coreografia. Disponível em: [Centro Nacional de Foclore e Cultura Popular :: Parte Alfabética - Batuque \(dança\) \(cnfcp.gov.br\)](http://Centro Nacional de Foclore e Cultura Popular :: Parte Alfabética - Batuque (dança) (cnfcp.gov.br)). Acesso em: 19 maio 2021.

⁶O termo “Outro”, usado nessa configuração, remete-nos à instância do inconsciente. Segundo Fink (1998, p.31), o Outro laciano estabelece uma relação com os sistemas de valores compartilhados, relacionados com a ordem simbólica, que faz com que o sujeito se insira no mundo social por meio de construções sociais, como a linguagem, as leis e as normas. Dessa forma, é uma instância psíquica de formação do eu, que o enquadra em valores sociais específicos, mas que também o faz buscar o seu próprio desejo, de forma que são questionados esses valores impostos pelo social.

estabelecidas na sociedade. No segundo recorte, a artista parece denunciar em sua apresentação um sistema operante na sociedade, que reforça a crença de que todo indivíduo é capaz de prosperar somente a partir de suas qualidades pessoais, sem precisar da ajuda de “fatores externos”, tais como a família, as condições materiais e financeiras, o Estado e a sociedade.

Recorte 2: Somos todos iguais pra lá, somos todos iguais pra cá. Meritocracia e todo seu “blá blá blá”. Vocês não cansaram disso ainda? Criam uma história linda, falam que todo mundo tem sua liberdade, uns papo aí sobre igualdade, mas até onde essa porra é verdade? (SLAM DE MINAS SP, 2018b).

O sistema de privilégios mencionado por Tawane refere-se ao discurso da meritocracia, que estabelece que as capacidades intelectuais e de trabalho das pessoas é o que decide, exclusivamente, o seu sucesso, não as relações de poder estabelecidas entre os sujeitos e as instituições, que operam as regras e as normas de conduta na vida das pessoas. Por meio do funcionamento desse discurso, são ignorados os privilégios de determinados setores da sociedade que detêm poder político e econômico e que, desse modo, são mais bem sucedidos em diversas instâncias.

No trecho “Somos todos iguais pra lá, somos todos iguais pra cá. Meritocracia e todo seu ‘blá blá blá’”, percebemos, principalmente por meio da expressão “blá blá blá”, que é de uso informal e remete a uma conversa sem profundidade, típica do senso comum, um tom de deboche a esse discurso, o qual faz emergir o efeito de sentido de que o sujeito percebe essa falsa explicação e reprova a lógica forjada por esses mecanismos do sistema social vigente.

No fragmento “Vocês não cansaram disso ainda? Criam uma história linda, falam que todo mundo tem sua liberdade, uns papo aí sobre igualdade, mas até onde essa porra é verdade?”, além da crítica à meritocracia, a enunciadora questiona tal imagem propagada de forma positiva (“história linda”), como valor universal de igualdade e liberdade. Isso parece acontecer pelo fato desse sistema estar fora das condições sociais e históricas que marcam a sociedade brasileira (“mas até onde essa porra é verdade?”), visto que a parte da população que não conta com benefícios culturais, educacionais, sociais e econômicos – que são articulados há muito tempo por grupos específicos, que detêm o poder na sociedade –, na maioria das vezes, não alcança posições proeminentes de trabalho, bons salários e *status* social. Portanto, obtém-se uma história que é verdade somente para alguns.

Além disso, por meio das expressões adverbiais “pra lá” e “pra cá”, que aparecem no início do recorte (“Somos todos iguais pra lá, somos todos iguais pra cá”), pode-se dizer que se constrói uma ideia de oposição e polarização, de forma que tanto os grupos sociais privilegiados que vivenciam a meritocracia, como também aqueles que são prejudicados por esse sistema – geralmente, mulheres, negros e pobres – estão assujeitados a esse valor do mérito pessoal. A conscientização dessas diferenças seria um primeiro passo para questionar essa falsa igualdade.

Por isso, a importância de ações contestadoras como essas, produzidas por meio das batalhas de *slam*, que mostram como a meritocracia é um mito que serve à reprodução eterna das desigualdades sociais e raciais, as quais caracterizam valores fundados a partir da modernidade e da implantação do sistema capitalista. Tais diferenças estruturais exigem mecanismos de reparação e promoção de justiça social.

Algumas considerações finais

As apresentações de *slam* realizadas nas periferias de São Paulo por mulheres como as do grupo *Slam das Minas de São Paulo* têm funcionado como um processo de conscientização e representatividade para a comunidade que delas fazem parte – incluindo as pessoas que acompanham suas *performances* - de modo que grupos minoritários, como as mulheres negras que vivem na periferia, fazem dessa *performance* literária um ato não só de criação artística, mas também político, para enfrentar e denunciar sua realidade - que é permeada por diversas formas de violência, preconceitos e desigualdade -, além de valorizar suas identidades pautadas em outras experiências de vida e saberes.

Como vimos por meio da análise discursiva dos dois recortes extraídos de *performances* veiculadas na página oficial desse grupo no *Facebook*, as produções do grupo *Slam das Minas de São Paulo* remetem a questões de relação de poder, materializadas em situações de violência simbólica e física, preconceito racial e social – que aparecem como regularidade em todo o *corpus* analisado, mas do qual trouxemos somente duas amostras. Tais produções denunciam o privilégio de grupos dominantes, a brutalidade das instituições de poder, as quais ainda funcionam pela lógica colonial, desconsiderando muitas das questões sociais dos grupos marginalizados ou utilizando-as em favor da manutenção da inequidade e dos seus próprios benefícios.

Assim, a partir das análises trazidas dos recortes que pertencem ao eixo temático “relações de poder”, foi possível notar como essas manifestações artísticas e socioculturais

compreendem um instrumento de libertação e representação. Por meio da abordagem de assuntos que refletem a realidade social de grupos minoritários, elas promovem a denúncia de sua situação e a transformação social, auxiliando na compreensão das representações subjetivas do feminino e da raça, por meio da construção de narrativas sobre si.

Ademais, se levada em consideração a divulgação dessas apresentações no mundo digital, percebe-se a contribuição desse meio para expandir e visibilizar o gênero *slam*, pois o alcance dessas manifestações artísticas, por meio das postagens em redes sociais, é possibilitado e multiplicado. Assim, com uma possibilidade de acesso mais amplo e diversificado, o público formado por sujeitos que consomem esse conteúdo em redes sociais e estão alheios ou desassociados da realidade periférica, vivenciada por mulheres e negros, pode *ressignificar* também suas práticas e valores assentados num olhar naturalizado do poder patriarcal exercido geralmente pelo branco, ajudando a desencadear uma mudança de paradigma que venha a considerar a pluralidade e os diversos modos de existência.

Portanto, por meio do desenvolvimento e do compartilhamento de produções literárias performáticas como o *slam*, a sociedade passa a conhecer, compartilhar e ter empatia com o comportamento de grupos diversos que apresentam questões identitárias intrinsecamente ligadas aos fatores raciais, de gênero e de classe, as quais os atravessam concomitantemente. Além disso, passam a ser questionados e contestados os padrões socioculturais impostos por grupos hegemônicos e, também, o poder dominante, que mantém a desigualdade e favorece aqueles que já têm seus privilégios garantidos.

Quem sabe, assim, por meio de ações artísticas e políticas como as batalhas de *slam*, mulheres, negros e pobres comecem a ter, cada vez mais, sua cultura e seus direitos conquistados, visibilizados e respeitados em uma sociedade mais plural e solidária.

Referências

AKOTIRENE, Carla. *Interseccionalidade*. São Paulo: Edit. Jandaíra, 2020. (Feminismos Plurais).

ALMEIDA, Silvio Luiz de. *Racismo estrutural*. São Paulo: Edit. Jandaíra, 2019. (Feminismos Plurais).
 BATUQUE (dança). *In*: Tesouro de Folclore e Cultura Popular Brasileira. Disponível em: [Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular :: Parte Alfabética - Batuque \(dança\) \(cnfcp.gov.br\)](http://Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular :: Parte Alfabética - Batuque (dança) (cnfcp.gov.br)). Acesso em: 19 maio 2021.

BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade líquida*. Trad. Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BERTH, Joice. *Empoderamento*. São Paulo: Edit. Jandaíra, 2019. (Feminismos Plurais).

CORIOLOANO, Janaina Ferreira. *Brasil em (com)fusão: a (re)constituição de identidades polarizadas*

em comunidades discursivas do Twitter no contexto das eleições presidenciais de 2018. 2021. 191 f. Dissertação (Mestrado Interdisciplinar em Linguagens, Mídia e Arte) – Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, 2021.

D'ALVA, Roberta Estrela. Um microfone na mão e uma ideia na cabeça: o poetry slam entra em cena. *Synergies Brésil*, Florianópolis, n. 9, p. 119-126, 2011.

FINK, Bruce. *O sujeito lacaniano: entre a linguagem e o gozo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. Tradução: Luiz Felipe Baeta Neves. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

GONZALEZ, Lélia. Mulher negra. In: RIOS, Flávia; LIMA, Márcia (org.). *Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2020. p. 94-111.

GREGOLIN, Maria do Rosário. AD: descrever - interpretar acontecimentos cuja materialidade funde linguagem e história. In: NAVARRO, P. (org.). *Estudos do texto e do discurso: mapeando conceitos e métodos*. São Carlos: Claraluz Editora, 2006. p. 19-34.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva e Guaracira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HOOKS, Bell. *E eu não sou uma mulher?: mulheres negras e feminismo*. Tradução: Bhuvi Libanio. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2020.

HOOKS, Bell. Mulheres negras: moldando a teoria feminista. *Revista Brasileira de Ciências Políticas*, Brasília, n. 16, p. 193-210, abr. 2015.

JENKINS, Henry. Venere no altar da convergência: um novo paradigma para entender a transformação midiática. In: JENKINS, Henry. *Cultura da convergência: a colisão entre os velhos e novos meios de comunicação*. Tradução: Susana Alexandria. 2. ed. São Paulo: Aleph, 2009.

LATOUR, Bruno. *Jamais fomos modernos*. São Paulo: Editora 34, 1991.

MIGNOLO, Walter. Colonialidade: o lado mais escuro da modernidade. Tradução Marco Oliveira. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, v. 32, n. 94, p. 1-18, jun. 2017.

NEVES, Cynthia Agra de Brito. Letramentos Literários de reexistência ao/no mundo contemporâneo. *Linha D'Água (Online)*, São Paulo, v. 30, n. 2, p. 92-112, out. 2017.

OLIVEIRA, Lucas Amaral de. Experiência literária e experiência urbana: notas sobre a literatura marginal. *Veredas: Revista da Associação Internacional de Lusitanistas*, Coimbra, n. 27, p. 24-46, jan./jun. 2017.

OLIVEIRA, Rejane Pivetta. Literatura como ferramenta para pensar e intervir no mundo. *Revista da Anpoll*, Florianópolis, n. 35, p. 203-223, jul./dez. 2013.

ORLANDI, Eni. Maio de 1968: os silêncios da memória. In: ACHARD, Pierre et al. *Papel da memória*. Campinas: Pontes, 1999.

PÊCHEUX, Michel. A análise de discurso: três épocas. In: GADET, Francaise; HAK, Tony (org.). *Por uma análise automática do discurso*. Campinas: Ed. Unicamp, 1990.

PÊCHEUX, Michel. *O discurso: estrutura ou acontecimento*. Campinas: Pontes, 2008, p.59-67.

RAMOS, Jair de Souza; FREITAS, Eliane Tânia. Etnografia digital. *Revista Antropolítica*, Niterói, n. 42, p. 8-15, 2017.

SARGENTINI, Vanice Maria Oliveira. Arquivo e acontecimento: a construção do corpus discursivo em análise do discurso. *In: NAVARRO, Pedro (org.). Estudos do texto e do discurso: mapeando conceitos e métodos*. São Carlos: Claraluz Editora, 2006, p. 35-44.

SGORLA, Fabiane. Discutindo o "processo de mediação". *Mediação*, Belo Horizonte, v. 9, n. 8, p. 1-10, jan./jun. 2009.

SLAM DAS MINAS SP. *Poeta Mariana Felix*. São Paulo, 1 mar. 2018a. Facebook: Slam das Minas-SP. Disponível em: <https://www.facebook.com/SlamdasMinasSP/videos/997034620455644/>. Acesso em: 28 jan. 2021.

SLAM DAS MINAS SP. *Poeta Tawane Theodoro*. São Paulo, 28 fev. 2018b. Facebook: Slam das Minas-SP. Disponível em: <https://www.facebook.com/SlamdasMinasSP/videos/997033357122437/>. Acesso em: 28 jan. 2021.

STARK, Sheila; TORRANCE, Harry. Case Study. *In: SOMEKH, Bridget; LEWIN, Cathy (org.). Research methods in the social sciences*. London: Thousand Oaks, 2005. p. 33-40.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. *In: SILVA, Tomaz Tadeu (org.). Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2014, p.7-72.

Submetido em: 11/07/2021

Aceito em: 27/08/2021